

Animatógrafo

DIRECTOR: ANTONIO LOPES RIBEIRO

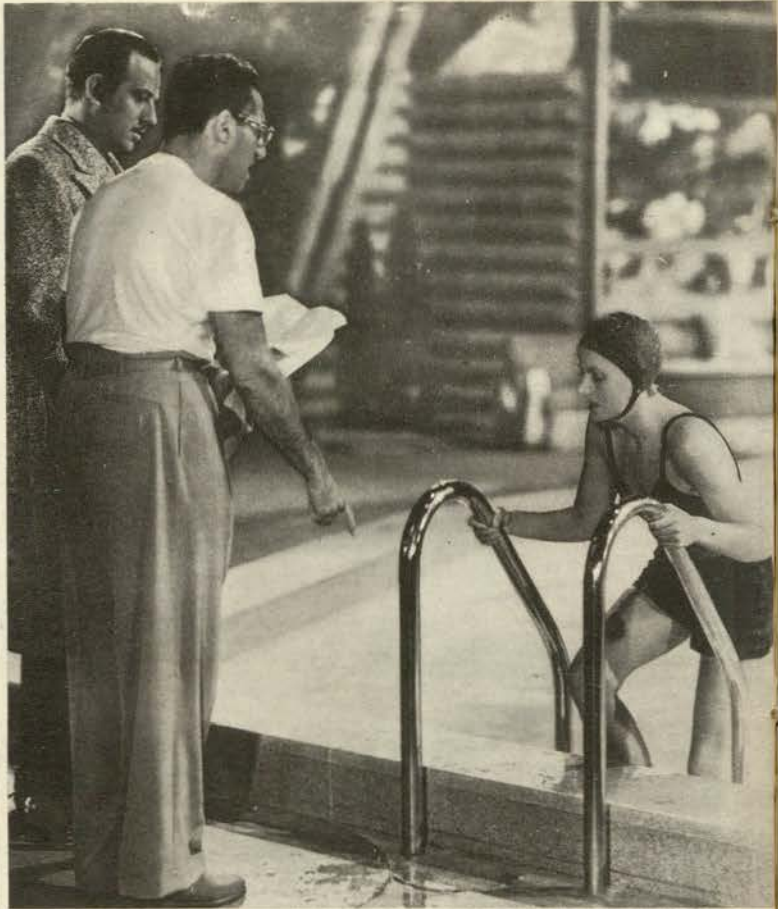


LANA TURNER

UM SENSACIONAL EXCLUSIVO DE «ANIMATÓGRAFO»

GEORGE CUKOR dirige GRETA GARBO

e MELVYN DOUGLAS em «TWO FACED WOMAN»



As quatro magníficas fotografias de trabalho que enchem esta página têm um duplo valôr: porque são raras aquelas em que se vê Greta Garbo em plena actividade no estúdio, e porque nos revela flagrantemente a autoridade do grande encenador George Cukor — autoridade que se verifica não ficar de forma alguma diminuída pela categoria excepcional da vedeta, que aliás, mostra a atenção e disciplina que estão dentro das tradições dos estúdios de Hollywood.



REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO na sede provisória, R. do Alecrim, 65, Telef. 29856. Composto e impresso nas Oficinas gráficas da EDITORIAL IMPÉRIO, LDA. — R. do Salitre, 151-155 — LISBOA — Telef. 4 8276 Gravuras da FOTOGRAVURA NACIONAL — Rua da Rosa, 273

Animatógrafo

Director, editor e proprietário: ANTÓNIO LOPES RIBEIRO

1 de Dezembro de 1941.
PREÇOS DA ASSINATURA
Ano 78500
Semestre 39500
Trimestre 19550
Distribuidores exclusivos:
EDITORIAL ORGANIZA-
ÇÕES, LIMITADA — Largo
Trindade Coelho, 9-2º (Telef.
P. A. B. X. 27507) — LISBOA

A Espanha acaba de promulgar um importantíssimo diploma de protecção ao Cinema Nacional

A Espanha acaba de fazer perante o mundo uma demonstração de como se fomenta e como se protege uma indústria de cinema. Com efeito, a última semana, no país vizinho, foi assinada por acontecimentos decisivos, para a indústria filmica, que se podem enunciar da seguinte forma:

1.ª) Promulgação duma lei destinada a satisfazer as seguintes finalidades:

a) Facilitar créditos, aos produtores, para a realização de filmes;

b) Premiar, com avultadas somas, os melhores guíões e as melhores películas;

c) Criar bolsas de estudo para que os técnicos nacionais possam fazer estágios nos estúdios estrangeiros.

2.ª) Publicação dum diploma de protecção aos documentários nacionais. Em todos os programas cinematográficos, deverá ser exibido um filme espanhol, de pequena metragem.

3.ª) Inauguração dum ciclo de conferências na CIRCE.

4.ª) Presença, em Madrid, das Comissões de Cinema alemão e italiano, com o propósito de fixar acordos cinematográficos com a Espanha.

5.ª) Partida da Delegação Espanhola que foi tomar parte nas sessões do Câmara Internacional do Cinema, em Munique.

Se o cinema, em Espanha, não singrar num mar de rosas, não será, por certo, por lhe faltarem incitamentos e estímulos oficiais, nem a desvelada atenção das personalidades e organismos que têm encaminhado os seus passos. Os acontecimentos a que nos referimos, fruto de longos e transcendentes estudos, falam por si.

A protecção do Estado

Mercado vastíssimo, com cerca de 1.200 salas, o cinema espanhol não atingira o desenvolvimento a que tinha jus, à data da Revolução Nacional. A indústria estava desorganizada, o Estado ignorava-o praticamente e a produção vivia de esforços isolados, que não atingiam tantas vezes a sua finalidade, num reflexo de desorientação geral, que enfraquecia a Espanha.

O Governo de Franco, desde o primeiro instante, ainda em plena guerra, procurou remediar a situação, criando os organismos necessários para o estudo e orien-

tação da indústria cinematográfica. Manuel Augusto García Viñolas assumiu a chefia do Departamento do filme, pôs a sua inteligência, a sua audácia e a sua força de vontade ao serviço dos superiores interesses do Cinema Nacional.

Num propósito deliberado, por um lado; e como consequência da política de reconstrução financeira, empreendida pelo governo de Franco, por outro — a importação de filmes estrangeiros foi restringida e seleccionada. Além disso, a entrada de filmes foi condicionada ao pagamento de avultadas somas, que revertiam para um fundo de protecção à cinematografia espanhola, arrecadado pelo Sindicato Nacional do Espectáculo.

A dobragem obrigatória de todas as fitas faladas em língua estranha veio avolumar as receitas obtidas.

O plano pôsto em prática, cuja pormenorização o espaço não consente, assemelha-se muito ao italiano e difere consideravelmente do alemão. No fundo, a diferença que vai da organização do próprio Estado Espanhol, que é sindicalista, para o socialismo do III Reich.

Vantagens do subsídio e mecânica do mesmo

O diploma promulgado pelo Ministério do Comércio e Indústria, facilita créditos, como dissemos, aos produtores espanhóis. Esses créditos nunca podem ir além de 40 por cento dos orçamentos globais da produção e começarão a ser amortizados a partir da data em que o filme iniciar a sua exploração.

O produtor, candidato a semelhante subsídio, deverá apresentar ao S. N. E. «o guião da película que pretenda realizar, o orçamento total da mesma, o plano financeiro da operação, a relação do pessoal artístico e técnico que nela intervirá e todos os dados de carácter complementar, julgados necessários».

Em face desses elementos, o Sindicato concederá, ou não, o empréstimo, até à quantia de 40 % da verba total. E o subsídio será concedido semanalmente, perante os documentos dos pagamentos a efectuar, nesse lapso de tempo, e na proporção da percentagem aprovada. Isto é: o S. N. E. resolve emprestar 30 % do cus-

CRÉDITO CINEMATOGRAFICO

para a produção de filmes e que pode atingir 40 % do custo das películas

6 PRÉMIOS PARA OS MELHORES FILMES

Dois de 400.000 pesetas
Quatro de 250.000 pesetas

CONCURSO DE GUIÕES

com cinco prémios de 50.000 pesetas cada um

4 PRÉMIOS PARA FILMES CURTOS

cada um dos quais no valor de 25.000 pesetas

BOLSAS DE ESTUDO

para estágio de técnicos em estúdios estrangeiros

to dum filme, orçado em 1.000.000 de pesetas. Iniciada a realização o produtor verifica que, no fim da primeira semana tem que pagar, por conta dessa produção, 1.000 pesetas. Apresenta no Sindicato os documentos comprovativos da despesa e recebe 300 pesetas, ou seja 30 % dos encargos da semana. E assim por diante — até não haver pagamentos a fazer.

A amortização do empréstimo é a inversa desta operação. Logo que o filme se começa a exhibir, o Sindicato cobrará, agora mensalmente, 30 % das receitas arrecadadas — até perfazer o total do empréstimo.

Tomas Borrás, o grande escritor espanhol, chefe do Sindicato Nacional do Espectáculo, enumerou em poucas palavras o extraordinário alcance desta medida:

1.ª) Fazer com que o guionista, ou seja a primeira matéria do Cinema, possa desenvolver as suas iniciativas, sem preocupação de as reprimir. O guião actual — se tomarmos em linha de conta que não se amortizava uma película que custasse mais de um milhão de pesetas (no caso mais favorável) — tinha que ser, por força, de índole restricta, pois essa premissa económica obrigava a não fugir dos temas, que pudessem trazer encargos incompatíveis. De futuro, o guião será aquilo que tiver que ser, biologicamente falando.

2.ª) Melhorando a sua extensão estética e os meios plásticos que o enformam, o filme deverá ser logicamente melhor — e nestas condições teremos mais probabilidades de criar um cinema universal, e não este cinema de tra-

zer por casa, que temos tido até aqui.

3.ª) A cinematografia fica livre de monopólios. Todos poderão ser produtores.

4.ª) Põe cõbo às operações de usurários.

5.ª) Facilita a rapidez da produção e favorece o aumento numérico da mesma.

6.ª) Cria, a meu ver — é ainda Tomas Borrás que fala — o ambiente psicológico propício para que a profissão cinematográfica (produção) seja um trabalho sério y sin picaresca

Prémios avultados para os melhores filmes e guíões

São avultados os prémios propostos para os melhores filmes e para os melhores guíões.

Todos os anos, em Junho, o Sindicato Nacional do Espectáculo, classificará os melhores filmes produzidos nos últimos doze meses, para atribuição dos seguintes prémios: dois, de 400.000 pesetas (cerca de 1.000 contos), cada um; e quatro, de 250.000 pesetas. Haverá ainda quatro prémios de 25.000 pesetas, para os filmes de curta-metragem, visto os seis primeiros se destinarem exclusivamente às produções de fundo.

Uma das características mais curiosas deste plano de fomento e incitamento é a seguinte: «a entidade produtora que obtenha um destes prémios distribuirá 20 por cento da quantia do mesmo pelos técnicos e artistas que, na opinião do Sindicato Nacional, se hajam tornado credores da participação, pela contribuição dada ao êxito artístico da película».

(Continua na pág. 11)

Nova versão duma grande epopeia cinematográfica

A PATRULHA DA ALVORADA

(DAWN PATROL)

QUE SE ESTREIA EM PORTUGAL, SIMULTANEAMENTE, NOS
CINEMAS **TRINDADE** E **BATALHA** DO PORTO

Extraordinárias interpretações de: **ERROL FLYNN** Basil Rathbone, David Niven, Donald Crisp



★
Realização de
Edmund Goulding

★
Uma produção
Warner Bros

★
Exclusivo da
S. I. F.
Sociedade
Importadora
de Filmes

MAIS DE 10.000.000 DE PESSOAS
viram já o filme máximo da aviação



■ O Tricentenário

Por iniciativa do Sindicato Nacional dos Jornalistas, a cuja Direcção preside, com invulgar autoridade, o nosso camarada Luiz Teixeira, vai comemorar-se o tricentenário de «A Gazeta», primeiro jornal que se publicou em Portugal e Lisboa, no ano de graça de 1641, com todas as licenças necessárias e privilégio real.

«Animatógrafo» associa-se à homenagem prestada a Lourenço de Anverso, o tipógrafo que a editou, aproveitando para agradecer a votada colaboração que deve aos tipógrafos e outros artistas gráficos da Editorial Império, da Fotografia Nacional e da Litografia Portugal. Não esquece também o quadro de artistas gráficos das Oficinas do Jornal do Comércio e das Colónias e da Neogravura, onde primeiramente foi composto e impresso o nosso jornal.

Por não poder vir mais a propósito «Animatógrafo» publicará no próximo número uma «Pequena História da Imprensa Cinematográfica em Portugal».

■ Pereira Saraiva

Por lapso, na legenda de uma das fotografias que publicámos no último número subordinadas à rubrica «A hora do almoço no «Pátio das Cantigas», dissemos que um dos comensais era o actor Carlos Alves, quando na realidade se trata do seu colega Pereira Saraiva. É este excelente artista, aliás, que interpreta no filme de Francisco Ribeiro um dos três «Irmãos Marques». Os outros dois são Armando Machado e Reginaldo Duarte. Carlos Alves personifica o «Engenhocas», conforme já se noticiou. Do equívoco pedimos desculpa a Pereira Saraiva e aos nossos leitores.

■ «Legendas de pé quebrado»

As «legendas de pé quebrado» — conforme Domingos Mascarenhas as apodou num recente editorial — continuam a grassar nos filmes ultimamente estreados. Algumas excedem tudo quanto a antiga musa canta.

Uma das películas de maior interesse actualmente em exhibição ostenta disparates como estes: *défaite* (derrota) traduzido por «defeito» (!), *chancelier* (chanceler) traduzido por «conselheiro» — além de muitas outras expressões inadequadas, como «colorir bacilos» em lugar de «coar bacilos», etc. Um verdadeiro chorrilho!

É claro que o filme é assás prejudicado com semelhantes tolices. Quando se aperceberão desta verdade os srs. distribuidores?

■ Os nossos retratos-brindes

Circunstâncias alheias à nossa vontade obrigaram-nos a suspender temporariamente a publicação das separatas com retratos de artistas de cinema. Estamos procurando remover as dificuldades que nos forçaram a tomar essa resolução, e esperamos conseguilo muito brevemente. Podem os nossos leitores ter a certeza de que «Animatógrafo» não descançará enquanto não obtiver esse desiderato — e podem ter a certeza de que pouco falta!

■ A Guerra e os «Astros»

Um telegrama de Reykjavik, capital da Islândia, datada de 21 de Novembro, informava o seguinte:

«Chegou aqui o actor de cinema Douglas Fairbanks Júnior, agora oficial da Marinha de Guerra americana. Fairbanks foi imediatamente reconhecido pelos cinefílos, sendo assaltado pelos seus admiradores para lhes dar autógrafos. A vida comercial da cidade ficou

O EXEMPLO DE ESPANHA

Desmentindo estrondosamente um provérbio que deve vir aí de alturas de 1485, de Espanha, da Espanha libertada, amiga e vizinha, sopra «bom vento». E tudo se propicia para que entre o Cinema Espanhol, agora emancipado, e o Cinemazinho Português, agora nos primeiros tem-tes, se possa celebrar «bom casamento», em tudo semelhante àqueles que se combinavam entre as duas côrtes, quando os infantes eram ainda infantes, mas já treinavam a tenra cabecinha para agüentar um dia com o peso da coroa.

Nesse tempo, os que governavam cá e lá pensavam longamente no futuro. O mesmo agora acontece, graças a Deus! Mas nem sempre as coisas que a modernidade tornou mais importantes são tidas e tratadas como tais.

Por exemplo: o Cinema.

Imagine-se que ainda há quem o considere «res minima», coisa de pouca monta, diversão domingueira, mania de ociosos e de histéricas!... Palpite-se que ainda há conselheiros muito conselheiros que o delegam para as profundas das artes discutíveis, das actividades menores, das brincalhotes sem conseqüências. Surdos e cegos — mas não mudos, infelizmente! — não vêem o que se passa em toda a parte, nem mesmo O QUE SE PASSA CÁ. Não vêem que as nações preocupadas e ocupadas com a guerra mais espantosa, e vasta, e grave, de todos os tempos, em vez de desprezarem e abandonarem essa «insignificante coisa» que é o Cinema, a salvaguardam, e a defendem, e a aplicam de todos os modos, por todos os processos. A Alemanha, a Inglaterra, nenhum desses actuais consumidores de gente, mobiliza ou reclama para a guerra o mais ínfimo artifice dessa «sétima arma» formidável, para não perder, na retaguarda e no estrangeiro, a batalha dos ecrans, tão importante como as outras. Não só continuam a produzir filmes como produzem mais que nunca, procurando produzir melhor que nunca.

E isso porquê? Porque não há carro blindado, Stuka ou Hurricane capaz de conquistar o que conquista um filme. Porque não há invasão que se compare à invasão luminosa das «estrêlas», sexta coluna amável, «Subconscient Service» efficacíssimo, organização pacífica mais apta à conversão que outra qualquer.

Neste número se diz até que ponto a Espanha compreende o valor incalculável da sua Cinematografia como parte integrante e inalienável do património nacional. Um decreto decisivo, em que se aplicam, um a um, todos os princípios que pessoalmente vimos defendendo há um rôr de anos, pregando «aos peixes surdos deste lago fundo», acaba de ser promulgado pelo Governo Espanhol. Lá estão todos os apoios, todos os incentivos, todas as protecções que sempre reclamámos para as nossas fitas, por imprescindíveis. Lá está o CRÉDITO, lá está o PRÊMIO, lá está a CONSIDERAÇÃO OFICIAL... Tudo o que é preciso — e nada mais além do que é preciso. Crédito facilitado com as necessárias garantias e exclusivamente a favor dos filmes convenientes. Crédito recuperável na mesma proporção em que é facultado, exigindo isto mas concedendo aquilo, bem diferente dos métodos de usura que a lei condena por um lado para não facultar nenhuns diferentes por outro, e ficando muito tranqüila com a sua consciência legal por estabelecer uma taxa máxima de juro.

Prémios reais, palpáveis, consideráveis, que recompensam a valer aqueles que os recebem, e não são simples pretextos para almoçadas ou sessões solenes. Prémios que não tresandam a gorjetas, metidas nas mãos dos criados que serviram ao país um prato mais delicado — romance, quadro, sinfonia ou filme.

Consideração oficial traduzida em bons articulados na fôlha do governo, e com a garantia autêntica da Lei assegurando a sua aplicação, e não simples texto platónico, que não tem quem o aplique nem paga a quem incumbe defendê-lo.

Na Espanha de hoje não haverá mais quem se atreva a menosprezar, a ralar, a asfixiar a gente do Cinema. Em vez de recearem o ridículo de tomar a nuvem por Juno, não querem os governantes espanhóis cometer a leviandade insigne de tomar a gloriosa Juno por uma simples e miserável nuvem.

Que o seu exemplo de mártires conscientes dos autênticos valores da Hora que passa sirva a quem o pode presenciar de perto.

«Arriba España!»

ANTÓNIO LOPES RIBEIRO

paralisada enquanto a multidão admirava Douglas, quando este entrou na cidade.»

A popularidade dos actores de cinema não é uma fantasia dos «publicity men»!

Mas ocorre perguntar, em face dos efeitos perturbadores que a presença dos «astros» causa no serviço militar, e considerando também a sua ausência dos estúdios: «Onde poderão os artistas de cinema ser mais úteis ao seu país — nas fileiras do exército ou em frente dos aparelhos de filmar?»

■ «Filmagem», de Gouveia

Recebemos do nosso colega «Notícias de Gouveia», semanário que se publica na linda vila da Beira Alta, um exemplar que inclui um suplemento cinematográfico dirigido por J. Oliveira Santos, suplemento por sinal muito bem feito e que se intitula «FILMAGEM».

«Filmagem», de Gouveia, vai no seu N.º 4.

Agradecemos a atenção.

NOTÍCIAS DA EUROPA

Suíça

JACQUES FEYDER dirige nos estúdios de Basileia o filme «UNE FEMME DISPARAIT»

De todo o cinema europeu, o cinema suíço deve ser, sem dúvida, o menos conhecido. No entanto a Suíça, que tem um importante mercado cinematográfico, localizado em três das suas mais importantes cidades, Genebra, Zurich e Basileia, possui também uma indústria cinematográfica que, se não apresenta a importância de outros países, nem por isso mesmo deixa de ser digna de com ela se contar.

Com a eclosão da guerra o cinema suíço, com a volta ao país de determinados elementos — técnicos, artistas, capitalistas que até então empregavam a sua actividade noutras nações, especialmente em França — acusa um desenvolvimento, pronúncia talvez de uma importância, a tomar em conta num futuro mais ou menos próximo. Além disso estão actualmente em estudo os projectos de três estúdios, em Montreux, Vevey e Geneve, tendo para o desta cidade sido organizada uma empresa com um capital de cerca de dez milhões de francos suíços.

O Filme de Jacques Feyder

Um acontecimento de sensação pela categoria enorme do seu nome no cinema mundial, foi a indicação de Jacques Feyder como

realizador dum importante filme suíço, acontecimento de tanta maior importância e repercussão quanto se trata do primeiro filme daquele categorizado realizador depois do começo da guerra.

De facto Feyder, financiado por capitais suíços, está a dirigir nos estúdios da Frobenius, de Basileia, o filme «Une femme disparaît», que apresenta a particularidade de quase toda a equipa técnica, excepção feita de quatro elementos franceses, ser toda nacional, sendo vários dos intérpretes, principais, suíços também. A colaboração prestada pelos artistas franceses chamados a nele intervir é destinada a prestar ao filme o «cachet» necessário à sua expansão mundial.

O «cenário», tirado por Jacques Feyder duma novela de Jacques Viot, baseia-se numa acção psicológica, desenvolvendo-se sobre uma trama policial de aspecto original, decorrendo o seu enredo nos lagos de Lugano e de Lucerna, nas montanhas de Valais, onde Feyder situou parte da acção do seu filme mudo «Visages d'Enfants», e nos jardins das margens do lago Lemano.

Entre os artistas franceses que tomam parte no filme encontram-se a mulher do realizador, a grande actriz Françoise Rosay,

que aparecerá sobre quatro aspectos diferentes, Thérèse Dorny, Claude Dauphin e Henri Guisot, actor que no empresário das «Três Valsas» teve uma criação deveras notável.

Os segundos papéis do filme serão preenchidos por jovens estreantes, revelados através dum concurso radiofónico.

Um filme sobre a Cruz Vermelha

Nos estúdios de Basileia, os mais importantes da Suíça, a Cinenor, com sede em Montreux, está a produzir um filme em que a acção da Cruz Vermelha Internacional é, por assim dizer, a ideia base do argumento, «L'Oasis dans la Tourmente», assim se intitula a película.

Dirigida pelo encenador suíço George Depallens, segundo um argumento de Jean Hort, a acção do filme inicia-se numa aldeia francesa, durante as ceifas, um pouco antes do conflito actual, terminando o filme depois de passada a tormenta, quando a mesma terra volta a renascer para a vida.

Interpretam o filme, que tem a colaboração directa da Cruz Vermelha, o actor francês Fernand Bercher, nome cuja popularidade a guerra veio prejudicar, no papel dum camponês francês e as artistas suíças Eleanore Hirt, na figura duma enfermeira da Cruz Vermelha, e Floriane Sylvestre, que viverá a personagem duma aldeã francesa, criada duma herdade atingida pela guerra.

Outros filmes novos

A Suíça, que até agora se especializara quasi na produção de filmes curtos, em que tinham lugar de destaque — películas de vanguarda — até há pouco, antes de partir para os Estados Unidos, Hans Richter, o chefe incontestado do vanguardismo cinematográfico actual, realizou naquele país vários filmes — está como se vê a encaminhar-se decisivamente para a produção de filmes de grande metragem.

Além daqueles dois que acabamos de falar, ficou agora concluído um outro, falado em dialecto alemão, que tem por título «Der Doppelte Mathias und seine Fächer», cujos exteriores foram filmados em Einsiedeln, Euthal e Oleryberg com artistas do teatro municipal de Saint-Gall e do Schauspielhaus de Zurich, sendo este filme uma produção da Ideal Films de Genève.

Vai entrar em produção um outro, também falado em língua alemã, da Gotthard Films e que será tirado do romance de Carl Spitteler «Konrad, der Leutnant».

Espanha

Filmes em realização

Eis agora títulos de filmes presentemente em trabalho nos estúdios espanhóis, que continuam produzindo em cheio:

● Em Barcelona, nos estúdios Kinefon, filma-se LA MADRE GUAPA, dirigido por Felix de Pomés, que apareceu há anos em numerosos filmes alemães, e tendo por intérpretes Mercedes Vecino na protagonista, Luis Garcia Ortega, Luis Prendes, Rosita Pomés e Luis Porredon.

● TORBELLINO é o título do novo filme de Estrelita Castro, cujo argumento, da autoria de Gutierrez Navas e Martin Cabrera, foi escrito expressamente para ela. Tomam ainda parte no filme, que Luis Marquina dirige e de que Goldeberg foi o operador, o nosso compatriota Tony D'Algy, Manuel Luna, Manolo Moran, que teve uma criação de relevo na figura do empresário de «Sarazate», e Xan de Bolas, figura popular de Madrid. Produção da Cifesa.

● Mary Delgado, Vicente Soler, Lola Flores, Gonzalo Llorens, Juan Cortés e Ildefonso Cuadrado são os intérpretes da comédia de ambiente rural, que Torremocha dirigiu e Albert Arroyo fotografou, UN ALTO EN EL CAMINO.

● Nos estúdios Chamartin, de Madrid, Fernando Delgado terminou FORTUNATO com Carmen Carbonelli, a jovem e simpática Florencia Becquer, Antonio Vico e Anselmo Fernandez. O argumento foi tirado pelo realizador da peça dos Irmãos Quintero. Enzo Riccioni foi o operador. Este filme é um dos mais importantes da recente produção espanhola, tendo sido para ele construídos nada menos de que quarenta «decors».

● ROJO E NEGRO é como se intitula o filme que Carlos Areval presentemente dirige nos estúdios de Chamartin, e cuja acção se passa durante a guerra civil, no lado dos vermelhos. Conchita Montenegro, verdadeira vedeta internacional, pois já trabalhou em França, Itália e em Hollywood, e Ismael Merlo são os protagonistas, aparecendo a seu lado Concha Latorre, Blanguita Suarez, Ana de Siria, Sepulveda e Emilio Garcia Ruiz. O italiano Riccioni e o espanhol Fraile são os operadores.

● A Hispano Films, na impossibilidade de conseguir a colaboração de Maurice Chevalier para o filme GUADALQUIVIR, escolheu Albert Prepean para o substituir. Além disso, Imperio Argentina será substituída por Conchita Montenegro, recentemente chegada da Itália, onde tem trabalhado ultimamente. O filme será realizado nos novos estúdios de Chamartin, de Madrid.

Alemanha

As últimas produções da TERRA FILM

Da actual produção alemã vamos indicar alguns nomes de filmes presentemente em realização ou que acabam de sair dos estúdios da Terra, uma das mais importantes casas produtoras alemãs.

● FRIEDEMANN BACH, em que é focada a figura dum dos filhos do grande Johann Sebastian Bach, e grande músico também, tem por intérpretes Gustaf Grundgens, o inesquecível chefe dos mendigos de «Matou» Leny Merenbach, Johannes Riemann, Camilla Horn, Eugene Klöpfer, Sabine Peters e Wolfgang Liebeneiner.

● Desta mesma casa produtora é o filme DIE SCHWEDISCHE NACHTINGALE, uma biografia da famosa cantora sueca Jenny Luid, «o rouxinol da Suécia», figura que no cinema americano Grace Moore há anos interpretou já, Ilse Werner e Jennie Lind, e com ela aparecem Joachim Gottechal e Carl Ludvig Diehl.

● ROSEN IN TIROL, tirada da opereta «Der Vogelkinder», de Karl Zeller, é o título do novo filme de Gelza von Bolvary, es-

pecialista incontestada dos filmes musicais, de cuja distribuição fazem parte Marte Harell, de que não há muito publicamos a fotografia, Johannes Heesters, Erika von Thelmann, Dora Kreyser, Julia Serda e os conhecidos cómicos Hans Moser, Theo Lingin e Leo Slezak.

● Kirsten Heiterg, René Deltgen, Lotte Koch, Rolf Weih, Ernst Waldow e Rudolf Schindler são os principais intérpretes do filme policial ACHTUNG! FEIND HÖRT MIT!, de que Arthur Maria Rabenalt é o realizador.

● HERMANN PFEIFFER é o encenador dum outro filme de ambiente policial e misterioso que tem por título FALSCHMÜNZER e cuja distribuição inclui os nomes de Kusten Heiberg, Rudolf Tinnau, Hermann Speelmans, Karin Humboldt, Herman Brix, o actor que interpretou já em vários filmes alemães a figura de Tarzan, que John Weissmuller popularizou, Max Gulstorf e Theodor Loos, que continua a trabalhar, desfazendo-se assim o boato que corria de que tinha sido fusilado por espionagem.

À HORA DO RECREIO...

pelo nosso «enviado especial»

A. DE CARVALHO NUNES

Hollywood, 30 (via aérea) — Não fui ontem com Jack Hall ver uma fita em que entra o Robert Taylor a cavalo, por duas ponderosas razões: porque acho que, o apreciável artista, a pé «iria mais depressa» e porque nos cinemas de Hollywood não há intervalo. Ora uma sala com a Avenida Vasconcelos e Sá toda a noite às escuras é um desconsolo.

Preferi dar dois dedos de conversa à Katherine Hepburn. Gaham tanto a sua inteligência que calculo ser uma excepção neste meio.

Realmente, inteligente é ela; dispensou-me dos elogios habituais e reconheceu logo que eu era estrangeiro. Explicou-me depois: — «Se fôsse americano, não se sentava de costas para aquela garrafa de «Whisky», teria ligado o aparelho de T. S. F. sem me pedir licença, só para saber o resultado dum desafio de «box», e estava já a esta hora a pedir-me pormenores do meu último escândalo».

A saída surpreendeu-me mesmo, quando me disse:

— «Não negue; Você é de Lisboa!»

— ???

— «Fala com um acento o mais Arch of the Flag Street possível...»

Arrependido de lhe ter dado

tanta confiança mas, no íntimo, radiante com uma notícia fresca que ela me confiara antes, fui procurar o meu inseparável companheiro.

Deixei-o transbordar de entusiasmo pelo Taylor com a multi-secular paciência dum indígena das margens do Nilo, e quando o vi voltar a si, quis intrigá-lo com estas herméticas palavras: — «Amanhã, Hollywood diverte-se!»

Então o imperturbável Jack sacou da algibeira um vistoso cartão e, fingindo não reparar na minha cara desolada, ofereceu-me.

Segundo o valioso convite, o «Animatógrafo» era rogado a assistir ao Milton Berle's 1900 Bathing Party, que teria lugar no dia seguinte.

Fiquei tão satisfeito que fui até à porta do hotel a cantarolar o «Menina Vamos ao Vira», exercício a que me entrego frequentemente vezes para ver se me esqueço da «Balalaika».

Estou como o outro: aquilo só visto! Até vi um senhor dos seus 50 anos com uma cabeleira de criança e de balde e pãssinha na mão... mas não nos precipitemos.

Se não fôsse o Jack ter antecipadamente explicado o que se iria passar, julgar-me-ia senão num outro mundo, pelo menos recuado 41 anos no tempo, o que criaria



Jackie Cooper e Bonita Granville formaram um dos pares mais convictamente «1900» que apareceram na festa do Beverly Hills Hotel



Foi assim que se apresentaram Marie Wilson, Buster Keaton e Judy Garland. Tiveram um êxito louco!

para mim um problema de «ser ou não ser» que só um filósofo profundo como o Capra (Vide Horizontes Perdidos) seria capaz de resolver.

«As a matter of fact», tratava-se duma festa em honra de Mack Sennett, oferecida pelo sr. Milton Berle na praia artificial do Beverly Hills Hotel.

Creio que não se pode dizer mais em tão poucas palavras.

Com efeito, o leitor ficou duma assentada, sabendo: 1.º) que há hotéis na América que se dão ao luxo de ter uma praia artificial, só para que os fatos de banho das hóspedes se não tracem nas malas; 2.º) que o sr. Milton Berle tem muita pena de ter uma grande fortuna; 3.º) que Hollywood não se esquece, com muita razão, de Mack Sennett; e, finalmente, 4.º) que está explicada a evocação do ano de 1900 e da festa se realizar numa praia.

Cada qual integrou-se o mais possível na época, envergando inverosímeis fatos de banho. Os homens é que deram a nota cômica, trazendo chapéus de palha e mesmo de coco e ostentando vigorosos bigodes, porque uma mulher quando é bonita resiste a tudo. A Judy Garland até me pareceu favorecida, e, aqui para nós, a Patti Mc Cart, que passou de secretária ou dama de companhia da Lamour a estrela de cinema, estava amorosa com um laçarote de seda preta no cabelo e umas meias ainda mais pretas, de fio de Escócia, para as quais havia forçosamente que se olhar...

A Marie Wilson, que se quer lançar à viva força, apresentou-se paradisíaca com um «maillot» — 1942, mas fazia figura de anúncio luminoso... em Loures.

Já a Lamour tem desculpa em ter aparecido como apareceu (não se descreve), porque essa, como é sabido, chega a constipar-se quando se veste.

O Mack Sennett, eternecidíssimo, olhava para aquilo tudo como estivesse a realizar o seu primeiro filme de banhistas.

Ao ver todos aqueles astros e estrelas brincando como crianças grandes, arremessando uns aos outros pratos cheios de creme e atirando-se à água com modos pretenciosos e solenes, a imitar as damas dos outros tempos, senti-me de repente numa colónia de férias ou no pátio dum colégio à hora do recreio.

E a minha imaginação gaigou o Atlântico e veio cair em paradas na cerca dum liceu — onde, por estranho paradoxo, a hora do recreio nunca ia além dos dez minutos.

As copas de
Animatógrafo

são executadas em fotolito da FOTOGRAVURA NACIONAL e a impressão em off-set é da LI-TOGRAFIA PORTUGAL

A posição do Brasil

no conceito dos produtores de Hollywood

tecnicolorido. Financiou o primeiro filme que adoptou tal processo, «Cucaracha», bem como o segundo «Becky Sharp» — películas produzidas pela «Pioneer Pictures» sem nenhum lucro financeiro, antes pelo contrário com avultados prejuízos. Mas John Hay Whitney sentiu-se compensado porque o tecnicolorido triunfou, dando-lhe própria oportunidade a que se filmasse «Gone with the Wind», película em que invertiu quatro milhões de dólares através de Selznick. Foi, também, o homem que financiou «Rebecca» e tem colaborado na encenação de mais de trinta peças teatrais uma das quais «Life with father» está no cartaz do Empire, de Nova York, há um bom par de anos. Muitas dessas obras têm fracassado, mas outras assinalaram êxitos perduráveis — o que dá grande alegria a John Hay Whitney, o qual sempre interveio desportivamente em todas as iniciativas por aprêço aos autores ou às obras representadas. Sempre que financiou um filme ou uma peça de teatro, dedica-se intensamente ao trabalho nesses sectores artísticos, participando assim, de maneira efectiva, da boa ou má ventura das obras que patrocina. O seu nome fica ligado ao destino das suas iniciativas por forma indestrutível. Não é como outros «anjos» — «anjos», na gíria teatral norte-americana, é o capitalista que fornece o dinheiro necessário para a movimentação de empresários em dificuldades — que só se metem nesses negócios quando têm em mira a beleza desta ou daquela artista, que só entram nas «caixas» dos teatros atraídos por interesses que não são só, realmente, artísticos...

Filmes de Hollywood com ambientes do Brasil

Já em Agosto, do ano passado, o produtor cinematográfico Walter Wanger, um dos elementos de destaque na organização da United Artists, havia estado no pavilhão do Brasil, na Feira Mundial de Nova York, na companhia de sua esposa, a artista Joan Bennett, numa noite em que, aliás, também estavam presentes os artistas cinematográficos e radiofónicos Nancy Carroll, Arline Judge e Jimmy Bryant. Wanger, em conversa com o comissário geral brasileiro na referida Feira salientara, então, que o Brasil é, actualmente, o maior mercado estrangeiro para os filmes america-

(Conclui na pág. 14)



A bailarina brasileira Eros Volusia, que acaba de ser contratada pela Metro Goldwyn, à sua partida para Hollywood

O itinerário dos pensamentos dos homens de Hollywood reduz-se, às vezes, a escalas determinadas de onde é impossível fugir. É como se a geografia da actualidade girasse em torno de pontos fixos. Três ou quatro pontos são proprietários da atenção dos que dirigem a complicada máquina do cinema, excluindo o resto do mundo. Agora, para eles, todos os aviões vão dar ao Rio de Janeiro; todos os navios vão directamente à capital carioca. Não há mesmo tempo para o descanso em portos intermediários — esses pontos inventados pela astúcia dos directores das companhias de navegação para que o viajante não se incompatibilize com o mar...

Os rumos que tomaram os acontecimentos políticos mundiais mostraram que as empresas produtoras de filmes de Hollywood tinham e têm no Brasil os seus mercados que podem não ser os mais rendosos, mas que são, sem dúvida, os mais garantidos e seguros. O cinema não foi esquecido no plano de política de boa vizinhança estabelecido entre os Estados Unidos e o grande continente brasileiro. A música norte-americana, que tem o cuidado

de fortalecer o amor nos corações moços, espécie de tónico destinado a desfazer as dúvidas dos jovens «yankees», deixou-se influenciar pela música brasileira que ainda está no período lactário. O «Que-ro mamar» é o «slogan» absoluto das melodias cariocas, lírico e inciente grito que se tornou infalível nas canções destinadas ao êxito das melhores orquestras americanas.

Quem é John Hay Whitney?

Foi John Hay Whitney quem expôs às autoridades do Brasil o respectivo projecto de intercâmbio cultural e artístico. Multimilionário tem dado o seu apoio a uma série de iniciativas da mais alta repercussão, contribuindo desse modo, em larga escala, quer para o progresso do teatro quer para o desenvolvimento da indústria cinematográfica dos Estados Unidos. Foi ao Brasil, não só com carácter pessoal, mas também no desempenho de missão que lhe foi incumbida pela Comissão de Coordenação das Relações Pan-Americanas, dirigido por um dos Rockefeller.

Whitney foi o animador de todas as experiências iniciais do



Franchot Tone com a sua segunda mulher assistem a um espectáculo em Hollywood quando ainda eram apenas noivos

No auge, então, da sua popularidade e do seu prestígio incontestado de grande vedeta, certo dia, ante o espanto de toda a colónia cinematográfica, que tinha o casal Crawford-Fairbanks Júnior como um dos mais felizes de Hollywood, e desmentindo o que afirmara numa entrevista sensacional concedida ao jornalista James Fidler, Joan Crawford requereu o divórcio, alegando a clássica incompatibilidade de carácter, o motivo mais simpático, mais à mão, de todos os esposos americanos sedentos de liberdade. E o que mais estranheza causou e mais confusão estabeleceu foi o facto de tanto um como outro, quando as ocasiões se proporcionavam na roda de amigos ou entre os camaradas de estúdio tecerem-se mutuamente os mais rasgados e efusivos elogios, as mais desvanecedoras palavras de simpatia que uma pessoa a outra pode dirigir...

No entanto, e contra o que é normal entre os divorciados amigavelmente de Hollywood, ninguém mais os viu juntos. Dou-



Desde que casou com Franchot Tone, Jean Wallace deixou de aparecer nos palcos americanos vestida apenas com duas ventarolas...

Montagem rápida de notícias frescas

«CAMISA DE ONZE VARAS» é nome do argumento original de Brum do Canto que este realizador espera realizar depois de «Lôbos da Serra».

★

O filme da «EXPOSIÇÃO DO MUNDO PORTUGUÊS» estreou-se no Brasil alcançando um êxito invulgar.

★

Parece que o operador ARTUR COSTA MACEDO está disposto a fixar residência no Brasil onde se encontra a filmar alguns dos aspectos da viagem de António Ferro.

★

Jorge Brum do Canto, além de «Camisa de onze varas», tem quasi pronto outro argumento que intitulou «ESTRADA NOVA» e que também pretende realizar.

Nos laboratórios da Lisboa-Films, ADOLFO COELHO concluiu um filme de grande metragem sobre o Linho de que foi operador e principal colaborador Manuel Luiz Vieira.

★

Esteve em Lisboa o operador portuense ANTÓNIO MENDES que visitou os estúdios da Tobis Portuguesa, assistindo a algumas filmagens de «O Pátio das Cantigas».

★

«FANTASIA», o extraordinário filme de Walt Disney, já foi projectado no Tivoli. A sua estreia está marcada para breve.

★

No próximo dia 5 repete-se na sede do CLUBE PORTUGUÊS DE CINEMA DE AMADORES a exibição dos filmes suecos, húngaros e alemães que já foram projectados naquela sala.

Os típicos «pratinhos» de Hollywood...

FRANCHOT TONE

substituiu Joan Crawford por uma bailarina de 18 anos

glas Fairbanks Júnior, que não procurava disfarçar o desgosto que a resolução de Joan lhe causara, procurava até, a todo o transe, não se encontrar com a sua ex-mulher. Festas onde Crawford comparecesse, Douglas recusava o convite. Reuniões de amigos comuns, nunca os conseguiriam juntar.

Passados os primeiros tempos, tudo se esclareceu, toda a gente compreendeu a razão do divórcio. É que aparecera em Hollywood, contratado pela mesma companhia a que Joan pertencia, trabalhando nos mesmos estúdios em que ela começara a sua carreira, um rapaz que trazia atrás de si o prestígio do teatro de Nova York, senhor dum personalidade vinçada e possuidor duma independência de carácter a que Hollywood não andava habituado a encontrar entre os habitantes da sua colónia cinematográfica.

Joan Crawford e Franchot Tone — era ele o homem em questão — poucos meses passados selavam pública e legalmente os seus destinos, numa atmosfera de auspiciosa satisfação e felicidade.

Tudo parecia indicar que o casal Tone, iria, pela constância dos seus sentimentos conjugais juntar-se àqueles matrimónios de artistas que fazem excepção no ambiente, de tumultuosa agitação, dos negócios sentimentais de Hollywood.

Dois anos durou esse romance de amor.

De facto, certo dia, os acontecimentos que anos antes tinham marcado o fim do casamento de Joan e Douglas, repetiam-se agora, precisamente da mesma forma, com Franchot Tone. E este, cuja carreira cinematográfica nessa altura se mostrava periclitante por virtude da insipidez dos argumentos que lhe davam para interpretar, troca por Nova York, onde o esperava um lugar de primeiro plano no teatro, a Califórnia, onde o cinema e o amor lhe não tinham sido de todo propícios.

É inegável que Hollywood exerce nos que por lá alguma vez passaram a mais irresistível tentação. As horas más, os momentos desagradáveis, tudo o sol da Califórnia apaga e faz esquecer. Haja em vista o que se deu com Simone Simon, que tinha razões de sobra para detestar cordialmente Hollywood e que um dia, rendida, voltou para junto daqueles mesmos que, uns anos antes, tinham sido para ela os mais antipáticos e hostis que é possível.

Foi assim que Franchot Tone, vai para um ano, voltou a Hollywood.

E os nomes de algumas vedetas começaram a andar ligados ao nome do ex-marido de Joan Crawford. Carole Landis, nova vedeta da Fox, Olivia de Havilland, Gene Tierney e Gloria Vanderbilt, foram algumas delas.

E agora, um acontecimento decisivo na carreira sentimental de Franchot Tone — o seu recente e imprevisto casamento.

A noiva é Jean Wallace, uma

elegante e loira beldade de dezotoitos anos, que há pouco apareceu integrada numa «tourné» de Earl Carroll, o conhecido empresário, continuador da tradição dos espectáculos de Florenz Ziegfeld, com lindíssimas mulheres e deslumbrantes guarda-roupas e espectaculosos cenários, e da qual ela era uma das mais categorizadas «girls». Hoje está sob contrato da Paramount, aparecendo pela primeira vez no cinema no filme «Louisiana Purchase», um grande êxito do teatro levado ao cinema.

Foi em Yuma, no estado de Arizona, que há poucos dias, a cerimónia se realizou perante o juiz Henry C. Kelly, depois dos noivos terem feito de Hollywood a viagem de avião, vestindo a noiva na ocasião um elegante «tailleur» cor de tabaco, chapéu e sapatos verdes e mala da mes-

ma cor... Nesse mesmo dia voltaram de novo, de avião para Hollywood.

Franchot Tone tem 36 anos. Miss Wallace, nascida em Chicago a 12 de Outubro de 1923, é diplomada pela Austin High School daquela cidade. A sua família — o pai era cozeiro viajante — deslocou-se para a Califórnia em 1940. Ultimamente, pouco antes de casarem, ela e Franchot Tone tinham-se tornado companheiros inseparáveis. Todos os dias, invariavelmente ele lhe telefonava para o estúdio.

Isto, no entanto, não impediu que os amigos ficassem surpreendidos com o enlace. O caso deu-se tanto em segredo que a própria mãe da noiva só soube do casamento da filha depois dos recém-casados terem voltado de Yuma...

JAIME DE CASTRO



O casal Tone-Wallace pouco depois do seu casamento. Poderá chamar-se-lhe «auspicioso»?

NOTÍCIAS DE HOLLYWOOD

ERNST LUBITSCH vai dirigir

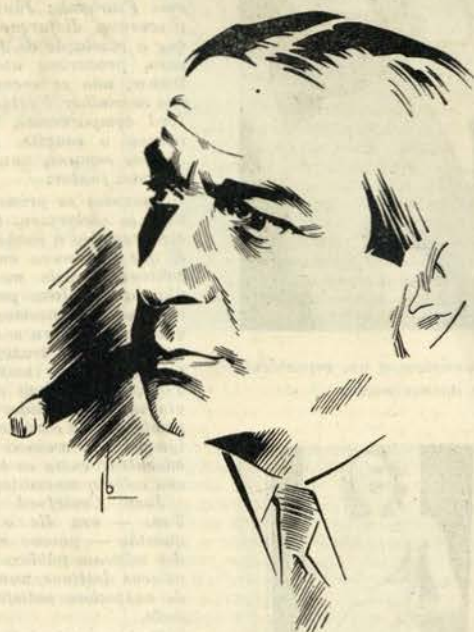
Carole Lombard e Jack Benny no filme do U. A. «TO BE OR NOT TO BE»

Como já a seu tempo nesta página noticiámos, Ernst Lubitsch ao deixar a United Artists, onde dirigiu para a companhia produtora subsidiária daquela, a Mayfair, de que ele e Sol Lesser eram sócios, o filme «No que pensam as mulheres» há pouco estreado entre nós, logo ingressou na 29th Century Fox, na qual imediatamente passou a ocupar lugar de tão grande importância no campo cinematográfico, como é o de produtor, alcançando assim, merecida a sua excepcional personalidade de homem de cinema, um dos «top places» da Fox.

Lubitsch, que se preparava para dar início à sua colaboração com a empresa de Movietone City, produzindo e dirigindo ele próprio o filme «Self made Cinderella» — em que Ginger Rogers mais uma vez interpretará a figura duma jovem e simpática empregada de escritório, em luta com as convenções e as dificuldades do dia a dia, das quais sai por fim triunfante e contente — não pôde dar realização ao seu projecto, em virtude do produtor, Alexandre Korda, em nome da United Artists lhe exigir o cumprimento do que restava ainda do seu pacto com

aquela empresa ou seja a realização dum outro filme, a que se comprometeu ao fundar-se a Mayfair Productions. É por isso que Lubitsch não pode ainda ocupar o escritório que Darryl Zanuck lhe destinara para seu quartel general no «lot» da sua empresa, vendo-se na necessidade de adiar os trabalhos do seu primeiro filme para a Fox.

Assim, voltou ele a Formosa Avenue, onde vai dirigir o seu novo filme, que como não pode deixar de ser, será uma comédia mais ou menos *sophisticated*, em que o inconfundível e aliciente «Lubitsch touch» aparecerá para delícia, certamente, dos futuros espectadores do filme. Este tem o título hamletiano de «To be or not to be» e nele aparecerão como vedetas dois artistas que jamais tinham trabalhado sob a



Ernst Lubitsch

direcção do homem do «Desejo». São eles Carole Lombard, a insinuante Mrs. Gable, que depois de longos meses de ausência, desde que interpretou para a RKO «O Sr e a Sr. Smith» volta ao estúdio, actriz que, diga-se de passagem, deve ficar maravilhosamente num filme de Lubitsch, e Jack Benny, um comediante notável, figura de primeiro plano da rádio e do cinema americano, cujo

nome por circunstâncias várias, não tem ainda a menor projecção no público português.

Rudolph Mate, o competentíssimo operador francês há muito nos Estados Unidos, autor da fotografia da «Batalha de Trafalgar», será o fotógrafo do filme. É este, até, o seu primeiro trabalho do novo contrato de três anos que assinou com o produtor Korda.

Vaughn Paul, o marido de Deanna Durbin, saiu da UNIVERSAL

Desta vez o caso foi a sério!

Como devem estar lembrados, não há muitos dias os jornais, em telegramas de Hollywood, davam conta dos boatos de desinteligências surgidas entre a Universal e a sua mais categorizada e popularizada vedeta, Deanna Durbin, desacórdos e discordantes pontos de vista que levaram a companhia a suspender-lhe, e de que o marido da vedeta, Vaughn Paul, foi o involuntário móbil, em virtude da enérgica atitude de Deanna ao pretender defender a situação e a carreira futura daquele na companhia em que ambos trabalham, e em que Vaughn Paul, depois de ter sido ajudante de operador, se viu guindado, mercê de influências da que deveria vir a ser sua mulher e da decisiva interferência de Joe Pasternak, seu descobridor e seu grande amigo, à categoria de assistente de realizador primeiro e, ultimamente, à de produtor associado. Para ele tinham os dirigentes da Universal destinado, segundo os seus próprios comunicados, como seu primeiro cometimento nessa nova situação, um filme que tinha por título «Mermaid in Distress» que deveria ter tido início em princípios de Setembro.

Ora, essas notícias, que foram tomadas por muito gente à conta de mera publicidade, sem qualquer base séria a confirmá-las, eram desta vez, a expressão autêntica dos acontecimentos pouco agradáveis que no meio da empresa fundada pelo velho Carl Laemmle vinham de há um certo tempo para cá decorrendo. O re-

sultado de toda essa luta é-nos dado por uma notícia que nos chega de Hollywood, revelando-nos de que nada valeram a Deanna Durbin os seus esforços em defesa da situação do marido, pois que este se viu obrigado a resignar das funções que desempenhava na Universal, dizendo-se que Vaughn Paul abandonará definitivamente o cinema para empregar noutro campo a sua actividade.

A propósito deste caso, que como é natural tem sido o assunto de sensação nos meios do cinema americano, aponta-se o facto da saída de Pasternak da Universal de ter sido para Deanna Durbin, e quem sabe mesmo se para a sua carreira futura, um golpe da maior importância e projecção, estando também toda a gente segura de que se ele ainda estivesse em Universal City nada disto teria acontecido.

O contrato de Deanna Durbin com a Universal termina em 1943.

Uma nova vedeta: Maria Montez

Mais uma vez os mares do sul servem de pano de fundo à acção de novo filme da Universal «South of Tahiti», que conta as aventuras dos tripulantes duma escuna que um tufão fez aportar a uma ilha deserta, onde impera a vontade e a tirania duma mestiza de beleza irresistível.

São intérpretes do filme um novo nome de Hollywood, Maria Montez, que é realmente uma for-

Charles Chaplin de novo a contas com os tribunais

Vai para um ano, os tribunais americanos eram chamados a intervir num processo iniciado em França, contra uma das mais célebres figuras do cinema — Charles Spencer Chaplin. O autor do processo era nem mais nem menos que alguém que fora um dos seus mais sinceros amigos e um seu defensor denodado nas colunas da notável revista que era «Theatre et Comédie Illustrée», isto é, René Clair. O assunto do pleito era a acusação de plágio lançada pelo realizador de «Milhões», que afirmava ser «Tempos Modernos» uma cópia servil do seu «Vive La Liberté». O caso fez correr rios de tinta, tanto na América como na Europa, mas no

fim sem resultado algum, pois a acusação foi dada como não provada. Quem deve ter ficado pior foi René Clair, que ficou, como é natural, sem a amizade de Chaplin.

Recentemente, uma vez mais, os tribunais de Nova York tiveram que dirimir uma questão idêntica, de novo contra Chaplin, embora desta vez associado à United Artists. Agora o promotor da acção era o escritor húngaro Konrad Bercovici, há anos vivendo nos Estados Unidos, que exigia nada menos de cinco milhões de dólares por perdas e danos, pois reclamava como sendo sua a ideia do filme de Charlie Chaplin «The Great Dictator».

O processo terminou agora, pois a acusação foi considerada como improcedente, não sendo reconhecida a Bercovici a paternidade da ideia basilar do penúltimo filme de Chaplin.

Para o «bouquet» estar completo foi pena José Padilla, o inspirado compositor espanhol de tantas belas páginas, autor da célebre «Violetera» que Raquel Meller popularizou, não ter pedido, por sua vez, aos tribunais, castigo contra Chaplin, que se apropriou daquela canção e fez dela o «leit motiv» de «Tempos Modernos», como sendo obra sua.

mosíssima mulher, a que o sarong, género Dorothy Lamour, empresta ainda maiores encantos, Brian Donlevy, hoje figura de grande prestígio do cinema americano, Broderick Crawford, o conhecido e irresistível Andy Devine, Henry Wilcoxon, H. B. Warner e a bailarina Armida, que vimos não há muito em «Vamos dançar a Conga». George Waggner é o realizador.

Os «secundários»... de primeira ordem

Claude Rains

Ainda os cinéfilos não o conheciam e já podíamos falar de Claude Rains como de um grande actor cinematográfico. Diremos mesmo mais: ainda só tinha aparecido uma vez na tela, um só plano, a sua cara e já uma criação inesquecível se podia lançar na sua conta de personagem importante do mundo do Cinema. Paradoxo aparente mas de fácil explicação. É que Claude Rains, foi o intérprete principal — colossal e vigoroso intérprete — duma fita famosa em todo o mundo: «O Homem Invisível». Era ele que incarnava a personagem famosa de H. G. Wells. Só no fim quando morria e desaparecia o efeito maravilhoso da substância que milagrosamente o tornara invisível é que, pouco a pouco, a sua imagem nos surgia e mesmo assim já parada, morta — mesmo assim já só na interpretação da morte.

Maneira original de um actor cinematográfico começar uma carreira, caso talvez único dentro de todas as artes de representar, caso cheio de atractivos, evidentemente, mas também com dificuldades que só um grande talento dramático conseguia dominar.

Quando foi convidado para interpretar para o Cinema «O Homem Invisível», Claude Rains era já um actor de fama e de grande aceitação nos palcos ingleses e americanos. Nascido em Londres em Novembro de 1886 logo em 1892, isto é, com seis anos apenas, se estreara no palco, onde nunca mais deixou de trabalhar. Fez os seus estudos sempre representando e só quando já era elemento de grande cotação dentro das companhias dramáticas, foi trabalhar na América do Norte. Foi num palco da Broadway que os produtores de «O Homem Invisível», o descobriram depois de várias tentativas infrutíferas para encontrar o intérprete que convinha para aquele caso especial. Os produtores tinham medido bem as circunstâncias e ponderado, com toda a razão, que o «Homem Invisível» não podia ser um actor conhecido. Se o fosse grande parte do mistério, portanto do interesse da personagem e da acção, toda construída à sua volta, desvanecia-se. Um Clarel Gable, um Gary Cooper ou outro no «Homem Invisível» não servia comercialmente falando. Em «Fantomas» de que também só se via a cara no fim do filme os franceses tinham adoptado a tática de se revelar o nome do seu intérprete, Fernand Golland na última legenda. Mas nem isto resultava para o caso porque no dia seguinte à estreia todos saberiam que «O Homem Invisível» era o Cary Grant, ou o Victor Mac Laglen ou outro qualquer dos grandes actores do cinema inglês ou americano. E lá se ia o principal efeito.

Por outro lado, para fazer o «Homem Invisível» não podia ser

um actor qualquer. Havia que construir toda uma fita à volta duma personagem que estava privada da sua presença visual.

Era preciso aguentar uma acção agitada só com a voz, só com o fluido, com o domínio dos tempos de representação, medidos pelos objectos e pela representação falada. Só um grande actor conseguiria esta vitória e só um actor abnegado aceitaria este papel. Caiu a escolha em Claude Rains que, então, triunfava na Broadway, e não podia ser coisa mais acertada. Claude Rains teve aí um colossal triunfo, mas foi um triunfo de repercussões modestas porque o público limita-se a sentir os êxitos e não a meditar nas suas razões. Também os produtores cinematográficos não lhe deram imediatamente as compensações que merecia.

Claude Rains apareceu-nos depois noutra grande criação, ao lado de Joan Bennett, em «O Homem que perdeu a cabeça» fita que passou em Portugal sem despertar as atenções. Seguidamente foi contratado para a Warner. Trabalhou em «Robin Hood», «Batalha do Oiro», «White Banners» e outras. Poucos serão, talvez, os cinéfilos que tenham feito justiça de fixar as suas interpretações. Mas há uma, recente, de que não podem estar esquecidos. Referimo-nos a «Pego a Palavra!», onde Rains interpretava o senador amigo de James Stewart. Ao lado de Jean Arthur, de Stewart, Edward Arnold e de todo o colossal elenco, Claude Rains conseguia ser, e a certa distância, quanto a nós, o melhor de todos.



Claude Rains, tal como aparece no papel de pai de «As Quatro Filhas», que veremos em breve

Nem mesmo o discurso de Stewart, meio construído com a dramatização dos efeitos da situação, nem mesmo o vigor de Arnold, dominaram a extraordinária naturalidade de Rains, o transparecer da consciência preocupada que justificava aquela cabeça prematuramente branca e o patético da cena final do Senado daquelas onde só um grande actor triunfa.

Ao incluir Rains nesta galeria de grandes valores cinematográficos de primeira ordem, chamados «secundários» pela força das circunstâncias, «Animatógrafo» presta uma homenagem das mais justas e recomenda a todos os seus leitores que sigam de perto a carreira de Claude Rains por ser dum dos melhores intérpretes do Cinema mundial

F. G.

Como a Espanha protege o seu cinema

(Conclusão da pág. 3)

O decreto a que nos vimos referindo, estabelece ainda um concurso de guiões, com cinco prémios de 50.000 pesetas, cada um.

Observadas as condições — só podem concorrer autores nacionais ou hispano-americanos, com residência em Espanha — o Sindicato adquirirá os cinco melhores trabalhos apresentados a concurso. O guião, propriedade do S. N. E., será cedido, com todos os direitos, à Empresa produtora que mais garantias ofereça duma perfeita execução do mesmo.

O Sindicato Nacional do Espectáculo institui dez bolsas de estudo, para aperfeiçoamento da técnica cinematográfica, em cada uma das seguintes modalidades: Realização, fotografia, laboratório, montagem, som, caracterização, efeitos especiais, filmes culturais, actualidades e organização da produção.

Os bolsistas terão um estágio de seis meses no local da Europa onde as respectivas modalidades estiverem mais aperfeiçoadas. Receberão 5.000 pesetas por mês e são obrigados a enviar,

mensalmente, um relatório desenvolvido da sua actividade.

Se da memória que deverão apresentar findo o estágio, e de acordo com as informações colhidas pelo Sindicato, se depreender que o bolsista teve bom aproveitamento, o S. N. E. passará os diplomas que acreditam o saber do técnico estagiário.

A despeito de todas as facilidades concedidas; dos prémios e incentivos; da ausência de concorrência das grandes produções americanas; da existência de magníficos estúdios; do concurso de técnicos estrangeiros; de cerca de 1.200 salas, constituindo um mercado importantíssimo — o cinema espanhol não atingiu ainda categoria internacional. Tomaz Borrás afirma, sem rodeios, que ele está ainda na fase «de trazer por casa». E a Espanha produz hoje cerca de 50 películas de grande metragem, por ano.

A primeira vista, parece que deveríamos descer de tantos esforços levados a cabo, de tantas e tão desveladas protecções. Mas uma indústria, como a do cinema, leva tempo a fazer. E o diploma, cujo teor enunciámos, destina-se,

sobretudo, a melhorar a qualidade de produção.

Quando perguntaram a Tomaz Borrás qual a posição do cinema espanhol no mundo, ele pôs o problema com a sua franqueza proverbial e com incontestável bom senso.

— Por agora, falemos apenas da Europa. Da Europa, com todo o respeito e carinho. Na Alemanha, organizou-se a Câmara Internacional de Cinematografia, cuja vice-presidência foi dada à Espanha. Quando se ultimaram os tratados com a Alemanha e a Itália, nos quais têm intervenção delegados do Instituto da Moeda e do Departamento da Cinematografia, a posição da Espanha na cinematografia europeia estará determinada por estes factores: Directora e Colaboradora. Por isso, torna-se indispensável melhorar as nossas produções.

Oxalá as medidas tomadas neste sentido, sob tão bons auspícios, se traduzam no desenvolvimento e prestígio da cinematografia espanhola.

FERNANDO FRAGOSO

O Correo do Bel Tenebroso

1371 — MELITA SARREIA CABRAL (Lisboa). — Respondo àquele postal que me enviou apenas para agradecer a Benjaminina as saudações que esta leitora lhe dirigiu. — Há muito que não recebo notícias suas.

1372 — UMA BONECA VOLÚVEL (Funchal). — Vou responder, duma assentada, a quatro cartas tuas, que chegaram ao mesmo tempo às minhas mãos, se bem que, entre a primeira e a última, mediei mais dum mês. — Tenho muita pena de não ter estado presente à vossa festa, para te ver, feita Carmen Miranda, a cantar sambas. — É lamentável, de facto, que Vv. aí só tenham bons filmes, de longe em longe. Alguns dos que inúmeras, são, para mim, totalmente desconhecidos A Cecilia Parker tem 36 anos, que completou a 26 de Abril. Calculo que ficarás admirada com a idade dela, pois nos filmes da Família Hardy ninguém lhe dá mais de que 18. Não sei se sabes que já é mamã. — O Tyrone Power fez 27 anos, em 5 de Maio p. p. — Já informei a Redacção de que te interessas por uma foto de Richard Green. — Transmuito as tuas saudações a Balalaika, Rey... sem trono, Bob Taylor, I love Madeline Carroll, Luiz XV, Rei da Ilha do Faial, Mickey Rooney e Cinéfilo da Ilha Azul.

1373 — UMA INGLESIÑA GLAMOROSA (Funchal). — Enviei, há dias, algumas fotografias para ti. Não vão todas as que pedistes, mas depois mandarei as outras. Estou agora ansioso por que me digas se gostaste. — Gostei muito da tua carta. Tenho a maior simpatia por ti, ao contrário do que chegaste a supor, e desvanecem-me o interesse que tomas-te por *Animatógrafo* e por mim, tanto mais para exaltar, quanto é certo que falamos uma língua que não é a tua. — É difícil dizer-te qual é a artista estrangeira que os portugueses preferem. Talvez a tua compatriota Deanna Durbin. — Muito curioso o que me contas sobre a Maureen O'Hara, que conheci em Londres, há quatro anos, e que foi tua parceira de ténis. Podes escrever-lhe para a R. K. O. Radio Pictures, 780, Gower Street, Hollywood, Califórnia. — Em Portugal, não se fazem ainda filmes de grandes metragens porque o mercado é pequeno e não nos permite esses luxos, à americana. No entanto, há filmes que têm interesse para as platéias estrangeiras. Os que citas, evidentemente, não figuram nesse número.

1374 — AQUELA GAROTA (Funchal). — A maneira mais prática de obteres a foto do Tyrone Power é solicitá-la directamente. Se mandares 25 céntimos, em cheque ou «coupons» internacionais (informa-te numa casa bancária) conseguirás, pela certa, o que desias. — A felicidade dum casal é uma coisa difícil de garantir. Há os que se dão pessoalmente e representam, na sua vida exterior, a comédia do amor, com requintes, que convencem; Há os que são felicíssimos e que nos parecem indiferentes e desinteressados. No caso particular a que te referes, o par Annabella-

Tôda a correspondência desta secção deverá ser dirigida a BEL-TENEPROSO — Redacção de «Animatógrafo» — Rua do Alecrim, 65 — LISBOA

-Tyrone Power, devo declarar-te que me pareceu felicíssimo. De resto, em Hollywood eles logo que se fartam ou incompatibilizam desatam o nó que deram, e vão tratar da vida para outro lado. Daí, supor que o «Ty» e a Annabella se entendam bem... — Além da tua carta, referente à data de 19, nada mais recebi. Agradeço-te, vivamente, apesar de não saber do que se trata.

1375 — MORENINHA INSI-NUANTE (Funchal). — Viva, insinuante leitora! Há muito, de facto, que não tinha o prazer de te ler. Espero que, de futuro, me escrevas com mais assiduidade. — Se gostas tanto de Lisboa, porque não vens até cá?! Avalio as tuas tentações, a bordo do Serpa Pinto. E, para nós, lisboetas, o Funchal é a terra da Promissão. Ninguém está contente, com a sua sorte... — Podes escrever ao Richard Green, para 20th Century Fox Studios, Box 900, Hollywood, Califórnia. — Idem, no que diz respeito ao Tyrone. — Transmuito as tuas saudações ao Robert Taylor, I love Deanna Durbin, Oubli, Rey... sem trono, Sempre Sonhador, Deram-lhe uma Espingarda e Conde Axel de Fersen da Suécia.

1376 — DESCONHECIDO (Pôrto). — Parece-me demasiado injusto, com os filmes portugueses. Por certo, não podemos competir com o cinema americano. Os nossos filmes valem pelo que são e não por aquilo que tu querias que eles fossem. — Obrigado pelas letras das canções que me enviaste. Aqui deixo consignado o teu pedido, respeitante à letra de *Cinderella*, se alguma leitora a tiver, estou certo de que a enviará — Graça Maria é, de facto, uma artista muito graciosa. Vê-la-emos, agora, no *Péto das Cantigas*.

1377 — MARY LOO. (Pôrto). — Calculo bem o teu desgosto, com a demora das minhas respostas. Quisera eu ter espaço, e voar... voar... Mas, afinal, *Animatógrafo*, encerrou o pensamento: «bel-tenebrosiano», nesta página, e não há, por agora, volta a dar! E ainda estamos com sorte, quando as mobílias do Alcobia não atravancam a casa... Quando eles aparecem, é sabido: fica a *Myrna* sobre a mesa de cabeceira; a *Mary Loo* na casa de jantar; o *Bob Taylor* em cima da mesa da cozinha; é, enfim, uma desorganização assustadora. — Transmuito a Tony o desejo que tens de te corresponder com ele.

1378 — CAVALEIRO DE RAGASTENS (Lamego). — Edward Arnold nasceu em Nova-York a 18 de Fevereiro de 1890 — Adolfo Menjou, ao contrário do que muitos supõem, nasceu em Pittsburgh (Pennsylvania), a 18 de Fevereiro de 1891. O pai era francês, a mãe irlandesa. — Dispensome de dar pormenores sobre Frank Morgan, porque, ainda há

pcuco, inserimos uma biografia sobre ele.

1379 — REY... SEM TRONO. — Chad Hanne deve ser exibido entre nós no decurso da presente temporada. Chama-se em Portugal, *A Rapariga do Circo*. — José da Natividade Gaspar é colaborador de *Animatógrafo*. — Mãe Mac Avoy, no seu novo filme para a Metro, vai interpretar um papelinho.

1380 — BOB TAYLOR. — Bella Lugosi: Universal Studios, Universal City, Califórnia. — Brenda Marshall: Paramount Pictures, Hollywood, Califórnia. — Transmuito as tuas saudações a *Flor dos Alpes*, *Uma Admiradora de Deanna Durbin*, *Pinocchio* e *Sem Amor*. — Este leitor deseja corresponder-se com *Pineas dos Bosques*, é, possivelmente (a hipótese é minha) sobre assuntos de botânica.

1381 — SEM AMOR. — Viva! Era impossível votar-te ao esquecimento como chegaste a supor! Fizeste bem, pois, em repudiarmos essa ideia. Obrigado, pela justiça que me prestaste. — Achei curiosa a tua observação: o argumento de *A Vida duma outra tem analogia com O Primo Mário*, de Malheiro Dias. Talvez tenhas razão. — Esta época veremos, sim, pelo menos mais um filme com o «teu» Robert Taylor: *A Ponte de Waterloo* onde contracenam com Vivien Leigh. Espero que não hajjas perdido *Patrulha de Aguias*, onde ele tinha um excelente desempenho.

1382 — CONDE DE SAILE. — Se me escreveste antes da carta a que estou respondendo, então, por certo, já tiveste resposta. Verdade seja, que me não lembro de ter escrito o teu pseudónimo. Daí, possivelmente, haver-se extraviado a carta. — António Lopes Ribeiro não pensa dirigir uma série de filmes de desenhos animados. Dizes-me que ouviste «essa» no Café Nacional. Mas olha que as melhores «mentiras» cinematográficas são as do Palladium. São melhores ainda do que os bolos de chocolate, que ali se comem... — As cartas para Graça Maria e Maria Domingas foram entregues oportunamente.

1383 — SCARLET. — A tua carta, esborratada com as lágrimas de alegria, que nela verteste, pela emoção que te causaram as minhas respostas, deixou-me desvanecido. — A Vivien Leigh é, de facto, uma figurinha de Saxe, a transbordar personalidade. — Tudo isto e o céu também, com Bette Davis e Charles Boyer será apresentado no decurso da presente temporada. Quando te disse que a principal intérprete era a Irene Dunne estava, por certo, a pensar na Lamarr ou na Lamour... — Greta Garbo está designada para interpretar o papel de *Madame Curie*. Spencer Tracy encarnará a figura do marido. Simplemente: não se sabe, ainda, quando esse filme se fará. — Es-

ta gentilíssima leitora comunica a *Conde Axel de Fersen da Suécia* que acede a corresponder-se com ele, desde que ele seja o primeiro a escrever-lhe. A propósito, Scarlet, deverá enviar-me o teu nome e morada, pois «mora sabba esta última, ignora qual é o nome e não posso enviar-te uma carta que cá tenho para ti.

1384 — J. P. SOARES. — Podes escrever à Judy Garland para Metro Goldwyn Mayer Studios, Culver City, Califórnia.

1385 — PRINCESA DA SELVA. — O teu postal e a pergunta que nele me fazes, deixou-me embaraçado: «Porque motivo é que o Tyrone, tendo namorada a Sonia Henie e a Janet Gaynor escolheu a Annabella». Marcelino Mesquita já respondeu por mim, quando formulou a pergunta: «Pois se há tanto mulher, porque razão a nossa fantasia só uma escolhe e quer». Neste capítulo, a fantasia manda!... Se não ficares contente com a resposta, escreve outro postal...

1386 — PIMPINELA. — Enganaste-te, redondamente, com respeito à minha identidade. Nunca usei óculos, a não ser de vidros cor de rosa, para encantar a vida, depois de ler os jornais...

1387 — DOMINGOS ANTÓNIO JORGE (Évora). — Se me escreveste, anteriormente a carta a que me reporto, já te respondi pela certa. — Em relação aos postais que te interessam, com fotos de vedetas de cinema, dirige-te à Tabacaria Condes, Praça dos Restauradores, ou então a Alberto Armando Pereira, Cinema Trindade, Pôrto.

1388 — ESTUDANTE CINÉFILO (Lisboa). — Podes escrever em português a Deanna Durbin, para Universal Studios, Universal City, Califórnia. — Aconselho-te a que mandes, caso possas, 25 céntimos de dólar, pois, de contrário, arriscas-te a não receber a desejada foto. — Daremos, sempre que possível, canções de filmes — Obrigado, por teres escrito a tua carta à máquina. Nem tu sonhas quanto uma carta dactilografada facilita a minha missão.

1389 — FAN DE ALICE FAYE (Lisboa). — Vamos a ver se consigo responder às inúmeras perguntas da série de cartas que

(Continua na pág. 14)

A beleza panorâmica
aumenta o valor dos filmes portugueses.

Se gostou da fotografia mais gostará da paisagem original

Sobre viagens consulte a

C. P.

Informações:

nas estações da C. P.

EM LISBOA: Serviço do Tráfego

Telefone 24031

NO PORTO: Estação de S. Bento

Telefone 1722

A FEIRA DAS FITAS

«O Regresso do Par Invisível»

(Topper Return)

Sujeita à ideia base do primeiro filme do Par Invisível a Universal produziu uma nova produção do género a que deu o título de *Topper Return*.

Embora não possua os inúmeros atractivos do primeiro da série, é, porém, muito melhor que o segundo. Desta vez intercalou-se uma anedota misteriosa com crimes, desaparecimentos e outras coisas complicadas que são parte integrante dos filmes desse género, com as *diabruças* e as situações criadas pela existência da mulher invisível, que, sem nós sabermos, porque cargas de água é que isso acontece, é o par que dá o título ao filme.

Verdade é que as situações são de tal modo cómicas que raro é aquele que não ri à vista de tais complicações.

Billie Burke, extraordinária artista cómica, exemplo flagrante da distração permanente é a alma, o fulcro de todo o filme. Ela vale, indiscutivelmente, todo o filme. Anderson, o preto, é também um bom elemento. Joan Blondel e Roland Young, ela a mulher invisível, ele o tímido Topper animam com vivacidade as personagens que têm a seu cargo.

Notáveis, e dignos de menção, todos os truques que já se podem considerar perfeitos. — J. M.

«As três noites de Eva»

(The Lady Eve)

Preston Sturges, que escreveu e realizou esta fita, deve ser homem de muito espírito e originalidade, pela graça e pela audácia das situações e soluções com que recheu «As Três Noites de Eva». Bastavam para denunciar a sua veia de humorista satírico uma série de pequenos apontamentos como a selvagem que se despede do guarda-costas, numa caricatura polinésica, o simbolismo da maçã e da serpente, a figura do milionário cervejeiro (Eugene Paulette) e a organização da sua casa, os apitos aflitos do comboio durante a noite de núpcias, o leitreiro do túnel e aquela série interminável de quedas que Henry Fonda dá, até cair nos braços da Eva (Barbara Stanwick) sedutora e até esta o fazer cair na lama... numa gare de caminho de ferro numa noite de tempestade — sobretudo para as convicções do pobre filho do cervejeiro (Henry Fonda). Não só, porém, na invenção dos episódios Preston Sturges revela originalidade. Dentro do seu trabalho de encenador, que é perfeito, há também um espírito original sem excessos nem cabotinismos, bem doado na sua grande clareza. Ilustram bem esta originalidade o monólogo do espelho de Barbara Stanwick a comentar a timidez do cervejeiro Júnior, cobiceado por todas as mulheres de bordo, a marcação de algumas passagens do salão de festas dos Pike as duas cenas de sedução de Eva quando é Eva batoteira no seu

QUADRO DE HONRA

Nos filmes exibidos em Lisboa na última semana, «ANIMATÓGRAFO» chama a atenção do público para o que neles merece atenção especial

«AS TRÊS NOITES DE EVA» (Paramount)

- O trabalho de PRESTON STURGES como autor e realizador.
- A interpretação de BARBARA STANWYCK (Eugénia).
- A interpretação de HENRY FONDA (Charles Pike).
- O bom nível das artes auxiliares.

«CONQUISTADORES» (Fox Filmes)

- A beleza pictural dos exteriores, devida aos operadores EDWARD CRONJAGER e ALLEN M. DEVEY, à colorista NATHALIE KALMUS, e à direcção de FRITZ LANG.
- A interpretação de SLIM SUMMERVILLE no cozinheiro medroso.

«UMA NOITE NO RIO» (Fox Filmes)

- Por ter atingido no Tivoli a QUARTA SEMANA de exibição.

camarote de bordo e principalmente quando é Eva... lady inglesa e goza a ingenuidade do jovem Pike.

Um elenco excepcional de bons actores secundários, de «secundários de primeira ordem» como Eugene Paulette, Charles Coburn e Eric Blore contribui com o acerto das suas interpretações para o efeito e para a dinâmica condução da história cheia das mais vivas situações.

Henry Fonda e Barbara Stanwick patenteiam recursos extraordinários, ela dando humanidade a uma personagem artificial aguentando todas as dificuldades duma personagem que quasi não fala e tem de expressar as mais diversas reacções nas mais variadas circunstâncias.

A simpatia que Barbara empresta à sua aventureira resulta, quanto a nós, da perfeita conta com que ela a fez apaixonar-se e humanizar-se conservando mesmo nas cenas em que troça um discreto interesse pelo homem (Pike Jor.) de quem gosta. Esta minúcia notavelmente correcta dá grande interesse ao seu trabalho.

Fonda, não pôde evidentemente, empregar todos os seus inextinguíveis recursos de grande intérprete. Mas só quem tiver recurso de sobra faz, de maneira a torná-la tão notada, aquela personagem muda, ou quasi.

Hans Dreier que foi o director artístico deste filme realizou trabalho de grande categoria, digno em tudo, dos seus notáveis créditos de decorador cinematográfico. Igualmente a fotografia de Victor Milner e a música de Krungold contribuem para o equilíbrio desta magnífica comédia. — F. G.

«Conquistadores»

(Western Union)

Entre os realizadores europeus que têm sido absorvidos por Hollywood, Fritz Lang foi dos que mais rapidamente se adaptaram à atmosfera e aos métodos dos estúdios americanos — o que não deixou de causar certa surpresa, dada a sua vincada personalidade e a liberdade com que estava habituado a trabalhar na Alemanha. Pôde verificar-se a facilidade dessa adaptação logo no seu primeiro filme americano: o admirável «Fúria». Mas a personalidade do grande encenador alemão, o seu estilo, a sua «maneira» transpareciam em toda a obra, bem nitidamente. O mesmo sucedeu nos filmes que dirigiu a seguir, como «Só vivemos uma vez» e «O Regresso de Frank James». Em «Conquistadores», porém, já não acontece semelhante coisa. Quem não soubesse que o realizador deste filme fora o au-

tor de «Matou» e do «Testamento do Dr. Mabuse» — não seria capaz de o adivinhar. De Fritz Lang encontra-se apenas — e por vezes — a lentidão de tempo que lhe foi peculiar, mas já tão atenuada que deixou de ser reconhecível e significativa. Quere isto dizer que a encenação do filme não tem interesse? De maneira nenhuma.

Como é sabido, Fritz Lang principiou por estudar e praticar pintura em Paris, e só depois é que se dedicou ao cinema. Esses seus antecedentes revelaram-se singularmente frutuozos quando Fritz Lang começou a trabalhar com o *technicolor*. De facto, em «O Regresso de Frank James» encontravam-se certa busca de efeitos, certa combinação de cores, que eram talvez inéditas. Sentia-se o pintor na encenação do filme, especialmente na forma de tratar os exteriores. Em «Conquistadores» reencontra-se tudo isso, também.

Dada a similitude de géneros e dada ainda a distância que separou a produção dos dois filmes, é curioso comparar os exteriores de *Dodge City*, actualmente em exibição no Politeama, com os deste *Western Union*. As diferenças saltam à vista. Em *Dodge City* a cor aparece apenas a *colorir imagens*, compostas como desenhos ou gravuras (lindas, por sinal!). Em *Western Union* a cor aparece já a *desenhar*, a compor volumes, a formar contrastes — como na verdadeira pintura.

Pena é que o argumento de «Conquistadores» (extraído por Richard Carson de uma novela de Zane Grey) não seja melhor do que é. Não lhe fazia mal nenhum um pouco mais de imaginação, na urdidura geral e na invenção de pormenores, e um pouco mais de vibração, de «nervo». Algumas situações têm interesse, apesar de tudo, como a da abertura, como a entrevista com o chefe índio, como a solução do final. No entanto, debaixo do ponto de vista dramático, falta à intriga um certo tempêro violento, como pode faltar a um prato bem cozinhado, um pouco de pimenta ou de mostarda. Os intérpretes são bons, como sempre acontece, aliás, em filmes americanos. Randolph Scott faz o protagonista com correcção, lembrando Gary Cooper; mas este é mais «vivo» e mais subtil, Robert Young pouco pode brilhar, e o mesmo direi de John Carradine, de Barton Mac Lane e duma nova actriz, Virginia Gilmore, que parece dispor de possibilidades. Dean Jagger, que vimos no chefe dos mormons em «Os Filhos de Deus», tem neste filme outro papel de relêvo, no qual são postas de novo em evidência a sua boa presença e a sua bela voz.

Slim Summerville, o velho e excelente Slim, tem talvez o melhor papel de todo o filme: a rábula do cozinheiro medroso, admiravelmente desempenhada.

Assinam a fotografia os operadores Edward Cronjager e Allen M. Devey e a colorista Nathalie Kalmus. Das suas virtudes falam as palavras que atrás escrevi sobre os exteriores. — D. M.

O Correio de Bel Tenebroso

(Conclusão da pág. 12)

me enviaste duma assentada. — Considero *Maria do Mar* o melhor filme de Leitão de Barros. — Basil Rathbone pronuncia-se aproximadamente *Béizil Racebone*. — Greta Garbo concluiu agora *A mulher de Duas faces*, que a princípio se intitulou *The Twins* (As Gêmeas). Vai fazer, ao que se diz, uma película com o Mickey Rooney. — Podes escrever em português aos artistas do cinema americano. — Akim Tamiroff tem mais de quarenta anos. — Leonor de Eça morreu há tempo.

1390 — JACK HAGNEY, REI DOS COW-BOYS. — Confesso-te que nunca me «apeteceu» ser artista. Não duvido, claro, das minhas qualidades. Mas custa-me «matar» o Tyrone, o Gable e o Taylor... Quere dizer se pudessem tocar a campainha e acabar com a fama destes, para herdar as suas honras e proveitos, talvez não matasse os mandarins...

1391 — POETA VAGABUNDO (*Lamego*). — Tenho muito prazer em receber-te nesta secção. Sê bem aparecida. — Tive o maior prazer em ler o teu jornalzinho escrito a lápis, com notícias e ecos sobre cinema. É espantoso como consegues fazer 268 números, «editando» um por dia. Claro que ele, acima de tudo, documenta o teu amor e interesse pelo cinema! E enquanto houver cinéfilos como tu, vale a pena fazer todos os sacrifícios e todos os esforços para levar a cabo esta tarefa gigantesca de vos dar um número de *Animatógrafo*, todas as semanas, a despeito das dificuldades que tornam mais árdua a tarefa daqueles que se votaram a essa missão. — A Grace Moore está retirada do cinema. Cantora de ópera, o seu verdadeiro clima é o palco. — O realizador de *A Oeste nada de novo* foi Lewis Milestone. Os principais intérpretes deste filme foram Lew Ayres e o malogrado Louis Wolheim.

1392 — PERNAMBUCANO SONHADOR (*Coimbra*). — Não estou nada de acordo contigo, quando me dizes que *Rebecca* acaba duma forma muito triste! Querias melhor «happy-end» do que aquele que o filme nos dá: Marido e mulher conquistam finalmente, a paz e a tranquilidade; Rebecca deixará de ser um

Tôda a correspondência desta secção deverá ser dirigida a BEL-TENEPROSO — Redacção de «Animatógrafo» — Rua do Alecrim, 65 — LISBOA

fantasma entre eles; a governanta morre queimada; o primo «chanteur» é corrido... A bem dizer só lhes falta sair a sorte grande do Natal... — Podes escrever às vedetas portuguesas por intermédio da nossa revista, solicitando as fotos respectivas.

1393 — JUDY GARLAND N.º 2 (*Lisboa*). — Não concordo com a tua apreciação a respeito de *Tovarich*. O melhor filme de Judy Garland? Talvez *De Bragado Dado*. — Escreve ao Henry Ford para 20th Century-Fox Studios, Box 900, Hollywood, Califórnia. — Leslie Howard não está presentemente em Hollywood.

1394 — UM CAMINHENSE (*Caminha*). — Alice Faye, cami-

nheiro amigo, faz parte do elenco da Fox. No momento actual, não filma, porque está à espera de ter um bebé, a quem nós podemos dizer «Bendita sea tu madre»... Escreve-lhe para 20th Century Fox Studios, Box 900, Hollywood, Califórnia. — Para me escreverem, não é necessário por-me a coberto dum pseudónimo.

1395 — ANTHONY ADVERSE. — O nome do herói do filme *Adversidade*, que adoptaste para teu pseudónimo, escreve-se com a grafia que poderás verificar no início destas linhas e não «Antoni Adversis», como reincidentes, neste teu postal. Morada de três artistas, «que não pedem dinheiro para mandar retratos»? Graça

Maria, Maria Domingas e Leonor Maia. — Transmite as tuas saudações a *Eterna Garota*, *Conde Misterioso* e *Benjamin*.

1396 — DEANNOFILO (*Pôrto*). — Felicito-te por haveres recebido uma foto autografada, 13x18, da Helen Parrish, com o simples dispêndio de \$300 (10 cents) em selos do correio americano — Este leitor declara que, sendo um grande e fervoroso admirador de Deanna Durbin, e interessando-se por saber o que os leitores leitores do «Animatógrafo» pensam acerca dela e do seu triunfo tão rápido, oferece ao leitor ou leitora que lhe escrever a carta mais interessante sobre Deanna Durbin, um retrato da mesma, autografado, com as dimensões de 14x10 centímetros. — A propósito, amigo *Deannófilo* deixa-me dizer-te que *autografado pessoalmente* é pleonasmo! E daí talvez tenhas razão, porque os autógrafos das vedetas são muitas vezes feitos pelas... secretárias!

A posição do Brasil no conceito dos produtores de Hollywood

(Conclusão da pág. central)

nos — os quais perderam na Europa, em consequência da guerra, os únicos mercados que o podiam superar.

E dissera, nessa altura, que para vincular melhor a indústria de Hollywood a tal mercado pensava incluir nos planos da sua produção alguns filmes de ambiente brasileiro.

Entretanto, Carmen Miranda tornava-se ídolo do público americano. E não tardou que triunfasse em Hollywood como triunfara no teatro Broadhurst e no elegantíssimo «Versailles», de Nova York, e nas maiores estações de rádio americanas. A sua personalidade cheia de brejeirice, de irradiante simpatia e de encanto constituiu um dos melhores esteios para a política de boavizinhança. Dali em diante, muitos foram os artistas de Hollywood que ficaram «fans» da capital carioca levando nos olhos a beleza de Copacabana.

Norman Alley, o famoso operador que conhecemos em Lisboa e que fixara no celulóide a retirada de Dunquerque, foi ao Brasil filmar, expressamente, para a Metro as belezas do litoral e do interior. Douglas Fairbanks Júnior foi encarregado de missão especial pelo presidente Roosevelt para que se estabelecesse melhor conhecimento entre os países do continente americano. Walt Disney e a sua equipa de artistas foram acolhidos entusiasticamente e regressaram a capital do cinema, não só com grande provisão de temas brasileiros, mas ainda transformados em arautos da propaganda do Rio de Janeiro.

Eros Volusia a mais recente artista «pescada» no Brasil...

«Não pretendemos obter a vossa amizade, apenas, no momento presente, mas sim continuar a merecê-la agora como no futuro, daqui a cinquenta, a cem, a duzentos anos!» Estas foram as palavras de John Hay Whitney, ao apresentar ao Brasil, o seu largo plano de intercâmbio cultural e de propaganda através do cinema.

De facto, os tempos passaram e os produtores americanos continuam com os olhos postos no grande e importante mercado sul-americano. O Brasil perdoa este ou aquele deslize ao retratarem o ambiente do seu país. Só o nome «Rio», brilhando nas fachadas dos cinemas dos Estados Unidos, onde cada indivíduo é turista incumbido, representa para eles uma grande coisa. E os americanos divertem-se a valer com o inglês «pidgin» de Carmen Miranda, aprendido de ouvido com aquela espantosa intuição que ela tem

revelado sempre na sua fenomenalíssima carreira.

A par disso, para cimentar melhor essa política em que tanto se empenham uns e outros, a gente de Hollywood «pescou» novos atractivos do Brasil. Agora, chega-nos a notícia da chegada a Nova York de Eros Volusia, a criadora do «bailado brasileiro», contratada pela Metro para figurar numa película cuja filmagem terá início em Dezembro. Antes, havia recusado quatro contratos para os Estados Unidos. O primeiro garantia-lhe setecentos dólares semanais. Era uma oferta do «Sirius», a famosa «boite» de Hollywood. O segundo era para S. Francisco. O empresário Hopkins propunha-lhe estadia e passagens de ida e volta com quinhentos dólares semanais. Um terceiro contrato, o do empresário Fisher, destinava-se a uma revista na Broadway e a bailarina teria de apresentar-se com as suas discípulas. Ofereciam-lhe quatrocentos dólares por semana, passagens, hospedagem e guarda-roupa. O quarto contrato, feito pelo «Martinique», clube nocturno de Nova York, tentava-a com quinhentos dólares semanais também com as despesas pagas.

Eros Volusia recusou-os, ao que parece, porque todos eles a obrigavam a uma permanência na América do Norte de, pelo menos, três anos.

Optou pela proposta da Metro: quatro semanas de filmagem com inteira liberdade.

E não mentimos se dissermos que o público norte-americano aguarda com ansiedade a aparição no celulóide de Eros Volusia — que se tornou célebre com a reportagem fotográfica que a «Life» lhe dedicou.

AUGUSTO FRAGA

«Os três Codonas»

Uma família de acrobatas que desafiou a morte

Brevemente a *Portugal-Filmes, Ltd.* vai apresentar no *Ginásio* um filme sensacional: «Os 3 Codonas». Este filme que foi produzido pela *Tobis* de Berlim é a história do célebre grupo de acrobatas que são os únicos que executam o triplice salto mortal. O público vai assistir a um espectáculo invulgar de três artistas desafiando a morte. Há momentos de grande emoção, tais como as acrobacias no trapézio, o desastre e o triplice salto mortal.

Interpretam as figuras dos 3 Codonas — mortos estupidamente em sucessivos desastres — os artistas René Deltgen, Lena Norman e Ernst von Klipstein.

Além destes outros grandes artistas completam o elenco de «Os 3 Codonas», Annelies Reinhold, Harold Paulsen e Karl Kahlmann. Arthur Maria Rabenalt realizou este filme que tem música de Peter Kreuder e se estreia brevemente no Ginásio.

45-3 CODONAS



Animatógrafo

DIRECTOR: ANTONIO LOPES RIBEIRO



A beleza serena e romântica de LINDA DARNELL, que ascendeu rapidamente no firmamento de Hollywood. Vê-la-emos esta época em alguns filmes de categoria.

2.ª SÉRIE — N.º 56 — PUBLICA-SE ÀS SEGUNDAS-FEIRAS — LISBOA, 1 DE DEZEMBRO DE 1941 — PREÇO 1\$50